

## OS VERBOS MODAIS E UMA ANÁLISE DO FUTURO

*Josete Rocha dos Santos* (UniverCidade)

[josete.rocha@uol.com.br](mailto:josete.rocha@uol.com.br)

### INTRODUÇÃO

Os auxiliares modais têm um caráter especial e estão associados às modalidades deôntica e epistêmica (Palmer, 1986, p. 33). Mira Mateus (1983, p. 152) considera esses verbos “modalidades lexicalizadas – necessária, possível ou contingente –”. Dubois (1973, p. 319) ressalta a correlação entre os verbos modais e a opinião do falante. Considera, assim como Mira Mateus, os auxiliares modais pertencentes a uma classe de auxiliares verbais responsáveis por expressar as modalidades lógicas (contingente vs necessário, provável vs possível). Assim, o falante usa o modal para expressar um julgamento do fato como possível, necessário, consequência lógica ou resultado de uma decisão.

O nosso objetivo é analisar a influência dos verbos modais tais como ‘poder’, ‘dever’, ‘ter que’, ‘precisar’, ‘ir’ e ‘querer’ no uso das formas de futuro do presente às quais demos a seguinte nomenclatura: (1) Futuro sintético (FS) – forma simples flexionada no futuro; (2) Futuro perifrástico (IR+V) – forma composta de *ir* no presente seguido de verbo no infinitivo; (3) Presente (P) – forma simples no português.

Partimos do seguinte pressuposto: a distinção entre as modalidades epistêmica (crença, verdade, probabilidade, (in)certeza, evidência, eventualidade) e deôntica (capacidade, habilidade, obrigação, manipulação, necessidade, permissão) é relevante para a opção por uma das formas de futuro do presente ao ocorrerem acompanhadas de um verbo modal. É exatamente a correlação verbos modais vs modalidade vs formas de futuro que pretendemos abordar no nosso trabalho.

## DISTINÇÃO ENTRE MODO E MODALIDADE

### *Breve histórico do futuro do presente*

A forma de futuro deriva do latim vulgar a partir das formas compactas do verbo latino *habere*, no presente do indicativo seguida de verbo principal no infinitivo (cf. *habeo + cantare > cantare habeo > cantare hei > chanterai*) que deu origem ao futuro sintético contemporâneo – *cantarei* (Câmara Jr., 1986, p. 121). O verbo *habere* foi usado, inicialmente, como modal deôntico (*laudare habeo*), “*hei de louvar*” = *devo louvar*) para, a partir daí, tanto em português quanto em outras línguas românicas ser usado como morfema temporal (*louvar-ei*). Através da trajetória da gramaticalização, por volta do século XII, a perífrase foi compactada, à medida que passava a indicar um sentido de futuridade. Segundo Câmara Jr. (1985, p. 128), a categoria de futuro surge, posteriormente, “pela necessidade da expressão temporal; concretizam-no certas necessidades modais.” Por isso, o futuro começa como modo. (Câmara Jr., 1957, p. 223).

Os estudiosos dividem-se quanto ao tempo futuro: é basicamente temporal ou modal? (Lyons, 1995, p. 319). No português, esse debate tem um ponto convergente. Todos concordam que a referência ao futuro, em contraste com a referência ao passado e ao presente é, geralmente, se não sempre, matizada pela expressão de incerteza ou expectativa (*op. cit.*). Essas são consideradas como atitudes modais freqüentemente expressas pela categoria de modo. Assim, a distinção entre temporalidade e modalidade, assim como a distinção entre tempo e modo, não são sempre claramente descritas nas línguas em geral, especialmente quando se trata do tempo futuro (Lyons, 1995, p. 320). O português não é exceção.

### *A categoria de modo*

A categoria gramatical de modo é identificada nas diversas línguas do mundo. O latim reconhece um sistema de modo – subjuntivo, indicativo e imperativo – igualmente reconhecido pelo grego clássico – subjuntivo, optativo. O inglês apresenta um sistema de verbos modais – *will, can, may, must*.

A origem greco-latina legou ao português um sistema de modo verbal acoplado à modalidade. A gramática tradicional distingue uma categoria flexional de modo, atribuindo noções distintas para o subjuntivo e para o indicativo, não usando o termo modalidade para referir-se às atitudes do indivíduo acerca do que fala.

Modo<sup>1</sup> é, por definição, a categoria resultante da gramaticalização da modalidade epistêmica, deôntica ou de qualquer outro tipo (Lyons, 1995, p. 332). Há muitas línguas no mundo que têm vários modos não-indicativos para tipos diferentes de modalidade epistêmica, mas não possuem um modo indicativo, considerado pelos linguistas e lógicos como o modo semanticamente neutro ou não-marcado.

O paradigma de modo, comum a línguas românicas como o português, o francês e o espanhol, associa esta categoria ao sistema flexional do verbo. Da mesma forma, a modalidade, ou assumindo os termos da gramática normativa, a atitude do indivíduo, está ligada ao sistema gramatical de modo verbal.

Diversos estudiosos propõem a separação entre modo e modalidade:

(...) eles (subjuntivo, indicativo e imperativo) expressam certas atitudes da mente do falante em relação ao conteúdo da sentença, embora em alguns casos a escolha do modo seja determinada não pela atitude do falante real, mas pela própria cláusula e sua relação com o nexos principal da qual é dependente. Ainda é muito importante que falemos de 'modo' apenas se a atitude da mente é mostrada na forma do verbo: modo é uma categoria sintática, não uma categoria nocional. (Jespersen, 1924, p. 313, *apud* Palmer, 1986, p. 9-10)

(...) modo é uma categoria gramatical encontrada em algumas, mas não em todas as línguas. Não pode ser identificada com a modalidade ou força ilocucionária... (Lyons, 1977, p. 848)

(...) um é gramatical (modo), o outro nocional ou semântico (modalidade)... (Palmer, 1986, p.7).

(...) modalidade é um domínio conceptual, e modo é sua expressão flexional. (Bybee *et alii*, 1994, p. 181)

---

<sup>1</sup> Modo é a categoria resultante da modalidade. As gramáticas não usam o termo modalidade. Modo é o sistema gramatical. Modalidade é o termo semântico (atitudes internas do falante face a um evento).

### *Definição de modalidade*

Desde Aristóteles, muitos estudiosos vêm procurando definir e classificar os tipos de modalidade. Até certa época, os interesses ficaram restritos basicamente ao âmbito das modalidades aléticas (do grego “alético” = “verdadeiro”), denominadas também lógicas ou aristotélicas: aquelas concernentes às relações entre o locutor e o universo de referência. Em outras palavras, pautam-se na descrição da relação entre a verdade e a falsidade das proposições, apresentando uma gradação da proposição aleticamente necessária à aleticamente possível.

Mais recentemente, diversas propostas têm surgido. Basicamente, têm se considerado dois tipos principais de modalidade: a epistêmica e a deontica (cf. Lyons, 1977; Palmer, 1985; Givón, 1995).

Palmer (1986, p. 18) define modalidade como a gramaticalização das atitudes subjetivas e opiniões do falante. A modalidade epistêmica relacionada ao conhecimento, crença, ou opinião, enquanto a modalidade deontica refere-se à necessidade ou à possibilidade de atos performativos pelo agente moralmente responsável.

Para Mira Mateus *et alii* (1983, p. 46), “a indicação do universo de referência relativamente ao qual uma predicação é válida, e a indicação do modo como o locutor encara a ocorrência do estado de coisas descrito são expressas através da categoria modalidade.” Acrescenta ainda que a modalidade, em português, pode ser expressa pelo modo do verbo: indicativo, conjuntivo (subjuntivo), imperativo. Fávero (1999, p. 43) classifica as modalidades como: a) alética – referente ao eixo da existência; b) deontica – referente ao eixo da conduta, ao que se deve fazer; c) epistêmica – referente ao eixo da crença, ao conhecimento de um “estado de coisas”. Resumindo a posição das autoras acima, afirma que “a modalidade é a atitude assumida pelo locutor diante do enunciado por ele produzido.”

De acordo com Givón (1995, p. 112), há dois tipos de modalidades conforme a atitude do falante:

(a) atitudes epistêmicas: verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência;

(b) atitudes avaliativas: desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

O termo “epistêmico”, assim como epistemologia, deriva do grego. A modalidade epistêmica codifica o conhecimento, a crença do falante sobre o conteúdo das proposições enunciadas, indicando o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição: certeza da realização do fato à suposição de uma ocorrência provável, possível ou mesmo improvável. Como está inserida no âmbito do *irrealis*, a modalidade epistêmica envolve um significado intrínseco de incerteza epistêmica, por apresentar baixa certeza ou baixa probabilidade em relação à ocorrência dos fatos (Givón, 1995).

A modalidade deôntica está ligada ao uso da linguagem para expressar, de um lado, uma vontade, um desejo e, de outro, para conseguir a satisfação dessa vontade através da imposição feita aos outros<sup>2</sup>. Está incluída no âmbito das normas de moral e conduta, direitos e deveres. Há uma escala classificatória do fato visto como obrigatório até o permitido. Sem dúvida, a expressão de julgamentos deônticos tem a realização efetuada no futuro, verificando-se uma correspondência entre modalidade deôntica e futuridade, conforme relatamos anteriormente. Observe-se que, diferentemente da modalidade deôntica, a modalidade epistêmica não exibe o traço inerente de futuridade.

Há uma base interativa na modalidade correspondente ao conhecimento do falante/ouvinte com relação a um evento ou estado, à capacidade de o falante apresentar evidências acerca deste conhecimento e à capacidade do ouvinte de refutar, desafiar este conhecimento.

Em oposição ao passado e ao presente, o futuro, valor temporal dos fatos ainda não vivenciados, situa-se no âmbito do *irrealis*, a categoria de modalidade que retrata a possibilidade de o evento vir-a-ser<sup>3</sup>. O caráter modal de dúvida, como uma irrealidade em perspectiva, é atribuído ao futuro do presente (Câmara Jr., 1967, p. 55-56).

---

<sup>2</sup> Modalidade epistêmica diz respeito à crença, ao conhecimento. Modalidade deôntica diz respeito à satisfação da vontade do falante através da imposição feita aos outros.

<sup>3</sup> O futuro é o modo *irrealis* por excelência.

A seguir, tratamos sucintamente dos verbos modais sempre relacionados, dependendo do contexto discursivo e pragmático, à modalidade epistêmica ou à deôntica.

## *Os auxiliares modais*

Conforme mencionado, ao iniciarmos este trabalho, Palmer (1986, p. 33) define os auxiliares modais como verbos especiais ligados à modalidade. Mira Mateus (1983, p. 152) já havia definido como sendo verbos que constituem por si sós “modalidades lexicalizadas – necessária, possível ou contingente”-. Anteriormente, Dubois (1973, p. 319) afirmou a correspondência entre os verbos modais e a opinião do falante. Assim como Mira Mateus, considera os auxiliares modais verbos pertencentes a uma classe de auxiliares verbais responsáveis por expressar as modalidades lógicas (contingente vs necessário, provável vs possível). Segundo a autora, o falante usa o modal para expressar um julgamento do fato como possível, necessário, como consequência lógica ou resultado de uma decisão.

Câmara Jr. (1967, p. 60) define os verbos modais assim:

Conjunto de formas verbais para um dado verbo, também ditas formas compostas, em que esse verbo aparece numa de suas formas verbonominais e a parte flexional de modo, tempo e pessoa cabe a um verbo que sofreu gramaticalização e passa a auxiliar.

A esta aceção, acrescentamos o seguinte: ao estudarmos a variação entre as formas verbais de futuro do presente, os verbos modais teriam um comportamento diferenciado dos não-modais? Provavelmente sim. O exemplo, a seguir, mostra o uso do verbo “ter” isolado e depois acompanhado do verbo modal “poder”.

(1) Hoje nós temos um governador da oposição. A partir de 15 de novembro, seguramente nós TEMOS pelo menos 15 governadores da oposição. Nós PODEREMOS TER um projeto para viabilizar a federação, não para viabilizar, mas para restabelecer a federação. (M. T., 1982, p. 17)

Nota-se na primeira ocorrência do verbo “ter”, um traço maior de assertividade não presente na segunda. Ao usar o verbo “poder”, o falante incutiu, na sua opinião, o traço de possibilidade ou eventualidade. Isto é, inicialmente o informante foi mais categórico. Com o uso do modal, deixou de ser.

Partimos, então, do pressuposto: a distinção entre as modalidades epistêmica (crença, verdade, probabilidade, (in)certeza, evidência, eventualidade) e deôntica (capacidade, habilidade, obrigação, manipulação, necessidade, permissão) é relevante na escolha das

formas de futuro do presente ao ocorrerem acompanhadas de um verbo modal. No entanto, um mesmo auxiliar modal pode conter a modalidade deontica ou epistêmica, dependendo do contexto discursivo e pragmático no qual está inserido (cf. Mira Mateus *et alii*, 1983, p. 153).

Apresentando o exemplo, a seguir, de maneira descontextualizada e proposital, é possível que haja duas interpretações para o modal “dever”: valor epistêmico de probabilidade ou valor deontico de obrigação.

- (2) Os governadores DEVERÃO se REUNIR logo após a proclamação do resultado e DEVERÃO ELABORAR uma proposta breve, uma proposta sucinta, uma proposta clara e pedir uma audiência ao Presidente da República.... (M.T., 1982, p. 18)

Ao lermos o trecho acima, interpretamos que os governadores ‘possivelmente’ se reunirão após a divulgação dos resultados e, ‘provavelmente’, nessa reunião, vão elaborar uma proposta de governo. Nada impede, no entanto, que interpretemos como uma obrigação dos governadores se reunirem e elaborarem uma proposta para ser entregue ao Presidente. Na nossa pesquisa, resolvemos essa ambigüidade através da análise de um contexto maior.

O modal “poder” também apresenta as duas possibilidades: deontica (permissão, capacidade) e epistêmica (eventualidade, possibilidade).

- (3) Nós só **PODEREMOS SER** grandes na medida em que apoiarmos sucessivamente a educação em nosso país. (A. N., 1980, p. 23)
- (4) Todos os vinte e cinco candidatos **PODERÃO SAIR** empregados pela Verolme e os seus salários, a nível de 1981, deverão oscilar em torno de 35 a 40 mil cruzeiros. (G. N., 1982, p. 36)

No exemplo (3), o valor do verbo “poder” é deontico: capacidade para sermos grandes a partir do momento em que apoiarmos a educação em nosso país. Já em (4), o verbo “poder” tem o sentido epistêmico de possibilidade, eventualidade: todos os candidatos, provavelmente, estarão empregados em uma grande empresa e com bons salários. Apesar de não termos destacado, por já termos comentado, chamamos a atenção para o verbo “dever”, nesse exemplo, apresentando também um sentido epistêmico de possibilidade.



Isto comprova o já mencionado acima: um mesmo verbo modal pode apresentar, conforme o contexto, modalidade epistêmica ou deôntica.

Em nosso estudo, encontramos verbos modais tais como ‘poder’, ‘dever’, ‘ter que’, ‘precisar’, ‘ir’ e ‘querer’.

## ANÁLISE DOS VERBOS MODAIS

Nesta seção, analisamos a presença ou a ausência de verbos modais como variável dependente<sup>4</sup>.

Os verbos modais abarcam o significado de necessidade intrínseca, imposta pelo próprio falante, ou extrínseca, imposta ao falante (Pontes, 1973, p. 20). Isso corresponde ao denominado por Lyons (1995, p. 334) modalidade subjetiva - intenção, desejo, volição – e modalidade objetiva – obrigação, permissão.

Conforme visto (cf. p. 4), a ausência desses verbos acarreta uma informação categórica, com um grau maior de assertividade, factualidade: “A economia americana se **tornará** a número “um” para sempre.” (B. S., 1980, p. 7)

Em contrapartida, os verbos modais são por si só denotadores de *irrealis*. Um verbo modal com marca de futuro constitui uma redundância. Se os verbos modais já indicam a irrealidade e/ou subjetividade do falante, a marca *-rei* seria redundante na expressão desse *irrealis* (cf. exemplos a seguir). Conforme já dissemos, o futuro insere-se no âmbito do *irrealis*.

Concordamos com Kuteva (2001) ao dizer que há uma motivação semântica conceptual no desenvolvimento dos verbos modais. Auxiliares modais envolvem uma extensão motivada a partir do concreto para um sentido físico-social até chegar aos sentidos abstratos, sentidos gramaticais, ou seja, não há arbitrariedade na formação dos auxiliares modais.

---

<sup>4</sup> Utilizamos o modelo da Sociolinguística Variacionista, proposto por Labov (1972a; 1972b) para análise dos fenômenos variáveis. A variável dependente pode ser definida como sendo o fenômeno linguístico estudado.

Segundo Givón (1995, p. 121), a modalidade deôntica – objetiva - implica uma noção de futuridade. Por isso, carrega necessariamente o traço de incerteza epistêmica. Por outro lado, a modalidade epistêmica – subjetiva – não possui necessariamente algum traço característico da deôntica. Conclui-se, então, que a modalidade deôntica é cognitivamente mais complexa que a epistêmica, levando ao preenchimento do critério da complexidade cognitiva, uma das características do critério da marcação. Assim, a modalidade deôntica é marcada<sup>5</sup> em relação à epistêmica.

A partir dessa distinção entre modalidade deôntica e epistêmica realizada por Palmer (1986) para os verbos modais ingleses *may*, *must* e *should*, Costa (1995) traça uma comparação entre ‘poder’, ‘dever’ e ‘ter que’. O nosso estudo inclui ainda os verbos ‘precisar’, ‘ir’ e ‘querer’. De acordo com essa acepção semântica e conceptual, amalgamamos os verbos ‘ter que e precisar’ (necessidade), ‘dever e poder’ (possibilidade), ‘ir e querer’ (intenção).

#### TER QUE E PRECISAR (necessidade):

De acordo com Costa (1995), em relação ao valor ‘necessidade’, relacionado à modalidade deôntica, há uma motivação extrínseca ao falante, ou no dizer de Lyons, modalidade objetiva, impondo a realização ou a não-realização do fato.

- (5) Entretanto, eu tenho a impressão de que TEREMOS QUE PASSAR ainda a fase da economia de guerra para que a indução de recursos e recursos maciços venha a se realizar ainda neste começo dos anos oitenta. (C. M., 1982, p. 15)
- (6) O pessoal fala assim: “Oh, do jeito que esse regime tá, a gente PRECISA CONSEGUIR um estágio antes, de democracia. (C. G., 1981, p. 13)

Ao submetermos os dados coletados – 871 dados da Amostra Informal Gryner - ao pacote de programas Gold Varb (2001), constatamos que os verbos modais ‘ter que’ e ‘precisar’ (necessidade), ‘dever’ e ‘poder’ (possibilidade), ‘ir’ e ‘querer’ (intenção) apresentavam

---

<sup>5</sup> Critério da marcação: categoria menos freqüente e mais difícil de ser processada cognitivamente (Givón, 1995).

comportamento estatístico bastante semelhante. Portanto, amalgamamos esses verbos (cf. resultados adiante).

### DEVER e PODER (possibilidade):

O uso do modal ‘poder’ significando possibilidade é mais gramaticalizado. Há um sentido inicial de probabilidade.

- (7) O drama é que a universidade brasileira, com esta estrutura de custo, está acabando, PODERÁ se TRANSFORMAR talvez no Colegião, e aí de fato vai haver o problema da queda do ensino. (C. M., 1980, p. 21)

Há ainda um sentido de ‘possibilidade’ indicando ‘capacidade’, qualidade inerente ao sujeito para a realização ou a não-realização de algo. É o caso do exemplo a seguir:

- (8) A maioria das empresas funciona com capacidade de produzir, muito baixa. Elas PODEM PRODUZIR muito mais. (C. G., 1981, p. 13)
- (9) É uma especialização em mercado de trabalho. É uma questão de título, pô. Quer dizer, daí pra frente, mesmo que ele saia da Abril, ele VAI PODER COMPETIR no mercado de trabalho publicitário. (C. L., 1981, p. 24)

O modal ‘dever’, além do sentido deontico de obrigação, abarca cada vez mais o sentido de possibilidade, capacidade, expresso geralmente pelo modal ‘poder’. Vejamos:

- (10) Eu acho que um aborto só por um aborto, não. Essa mulher engravidada e ela tem condição de ter essa criança, de manter, de cuidar dessa criança, ela DEVE TER (pode ter).” (E. L., 1980, p. 3)

Os dados revelaram este fato: o modal ‘dever’ associa-se à possibilidade, usado no lugar de ‘poder’. Por isso, amalgamamos ‘dever’ e ‘poder’. Sentido mais concreto para o abstrato. Indício de gramaticalização: o modal ‘dever’, na concepção semântica de possibilidade, usado no lugar de ‘poder’.

### IR e QUERER (INTENÇÃO):

A referência ao tempo futuro deriva diacronicamente de expressões modais (Comrie, 1985, p. 43). A primeira modalidade de futuro está associada à intenção. Câmara (1956) considera o auxiliar

“ir”, usado em locução denotativa de futuro, possuidor de uma conotação modal de intenção do sujeito, derivada de seu sentido lexical de ‘movimento físico’. Outros estudiosos sobre o futuro são unânimes: intenção é um aspecto importante para indicar predição, futuri-dade (Ultan, 1978; Fleischman, 1982; Coates, 1983; Dahl, 1985 *a-pud* Bybee *et alii*, 1994, p. 256). O estágio para chegar à predição: desejo  $\Rightarrow$  espontaneidade  $\Rightarrow$  intenção  $\Rightarrow$  predição (cf. *op. cit.*). Por isso, Bybee *et alii* (1994, p. 280) inserem o futuro, por estar relacionado à intenção e à predição, no âmbito da modalidade epistêmica.

Estudamos dois verbos modais relacionados à intenção: ir e querer. O auxiliar *ir*, seguido de verbo principal no infinitivo, indica um fato posterior ao momento da fala, caráter temporal, implica movimento. Ao codificarmos os dados, descobrimos que há casos em que o auxiliar está assumindo um verbo modal associado à modalidade subjetiva.

Ao analisar os três estágios da perífrase IR+V no português atual, Gryner (1997) admite o funcionamento da perífrase, em alguns contextos, como auxiliar modal, indicador de um movimento objetivo, uma atitude intencional. Nesse caso, é um modal assim como ‘ter que’, ‘precisar’, ‘dever’, ‘poder’.

(11) Você VAI FICAR aqui na escola? Mamãe deixa você aqui, depois mamãe volta pra te buscar. (M.T.M. 1982, p. 19)

(12) Deve ser preconceito, né? Ela quando os filhos são pequenos, ela não deixa tomar sol pra não ficar preto. Ela é preta e o marido é preto. Mas os filhos de preto é sempre mais clarinho, né? Depois com o tempo vai escurecendo. Então, ela não deixa pegar sol para criança não ficar preta. Deve ser preconceito, né? Porque eu sou preto, o marido preto, como é que eu VOU TER (quero ter) um filho branco? Só se não é filho do meu marido, né? (E. L., 1980, p. 15)

O modal ‘querer’, conforme sabemos, também está associado à intenção, ao desejo de um sujeito animado. Relaciona-se com a modalidade subjetiva, já que parte de uma necessidade interna, desejo de alguém. O modal ‘querer’, originado do latim ‘quaerere’ significando ‘buscar’, ‘inquirir’, ‘pedir’, desde cedo é registrado no romance ibérico, generalizando-se com o desaparecimento de *velle* para o português e o castelhano (Costa, 1995, p. 170). Ao ser seguido por verbo no infinitivo, assume o valor modal de ‘preferência’, ‘de-

sejo'.<sup>6</sup> Dentro dos esquemas de evento, proposto por Heine (1993: 31), o verbo 'ir' pertence ao esquema de 'movimento' e o verbo 'querer' ao esquema volição. No entanto, devido ao processo de gramaticalização, esses dois auxiliares estão no âmbito volição, intencionalidade, concepção para a categoria de futuro.

(13) Quando eu tiver setenta, eu QUERO MORRER." (M. P., 1981, p. 21)

(14) Se eu puder evitar uma briga com você, eu converso, você pode me chamar de covarde, tudo o que você puder, pode me chamar, mas não toca a mão em mim não. Se tocar a mão em mim, eu viro um bicho. Uma vez, no colégio, um colega falou que ia me bater, me pegar lá fora, eu pensando: "Ih, meu Deus!" E nego atijando, sabe, não VOU QUERER BRIGAR. Pra que, né? (L. C., 1980, p. 10)

## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos resultados apenas para as variantes IR+V e P. Há poucos dados de verbos modais usados no FS<sup>7</sup> na amostra informal. Isto denota que o falante evita usar verbos modais no futuro sintético.

Fatores:	Aplic./Total	Freq. (%)	P. relativo
Ausência	445/606	73%	.74
ter que + precisar	15/43	35%	.33
dever + poder	15/112	15%	.13
ir + querer	5/110	5%	.03

Tabela 1:

Influência dos verbos modais na escolha da variante IR+V (amostra informal)

Conforme verificamos acima, o falante usa o auxiliar 'ir' preferencialmente em contextos de verbos não-modais (.74) (cf. exemplos 11 e 12). Observam-se índices ligeiramente polarizados em relação a 'dever/poder' e 'ir/querer'. O verbo *ir*, em alguns casos, exerce a função de modal expressando intencionalidade por parte do sujeito. Seria oneroso ao falante incluir mais um modal na cadeia lingüística, principalmente na fala.

<sup>6</sup> Da mesma forma ocorrida entre 'ter que' e 'precisar', 'dever' e 'poder', na última rodada, amalgamamos os dados dos verbos 'ir' e 'querer' em um único fator, já que os resultados revelaram equivalência estatística.

<sup>7</sup> Na amostra informal, há 13 verbos modais no FS.

Fatores:	Aplic./Total	Freq. (%)	P. relativo
ausência	120/606	20%	.40
ter que + precisar	22/43	51%	.65
dever + poder	88/112	79%	.87
ir + querer	105/110	95%	.98

Tabela 2:

Influência dos verbos modais na escolha da variante P (amostra informal)

Os não-modais desfavorecem o uso do presente (.40); os verbos modais ‘dever/poder’ (.87) e ‘ir/querer’ (.98) e, aqui menos intensificadamente, ‘ter que/precisar’ favorecem o uso do presente (.65). Verificamos, assim, a alta incidência de verbos modais no presente.

Os resultados para a amostra informal sugerem uma gradação que vai dos verbos deônicos ‘ter que’ e ‘precisar’, modalidade objetiva, passando pelos verbos deônicos/epistêmicos ‘dever/poder’, verbos semanticamente ambíguos quanto à modalidade objetiva/subjetiva, até os verbos intencionais, modalidade subjetiva ‘ir/querer’. Isto pode ser explicado: o percurso da gramaticalização começa com um verbo modal no presente. Daí, a alta incidência de verbos modais no presente (cf. gráfico).

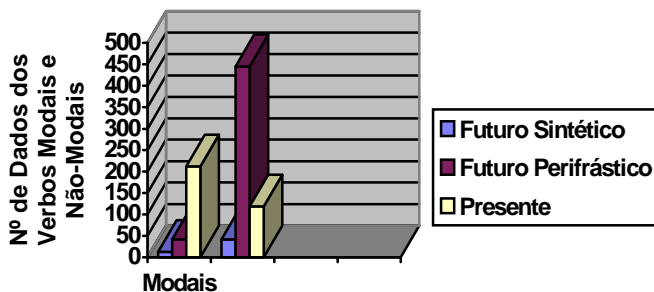


Gráfico: Distribuição dos verbos modais e não-modais na amostra informal

## CONCLUSÃO

Procuramos analisar, ainda que sucintamente, a influência dos verbos modais no uso das formas de futuro do presente. Os verbos modais estão imbuídos semanticamente do traço de modalidade epistêmica ou deôntica. A categoria de futuro não surge pela necessidade da expressão temporal, mas pela concretude de certas necessidades modais. Conforme já dissemos, o futuro começa como modal deôntico (*laudare habeo* = “hei de louvar” = devo louvar) (Câmara Jr., 1957, p. 223). Comentamos, anteriormente (cf. p. 3), a existência de uma correlação entre modalidade deôntica e futuridade. No entanto, a modalidade epistêmica não exhibe este traço.

Estudamos como a distinção entre a modalidade epistêmica e a deôntica é importante para a escolha das formas de futuro do presente (cf. p. 1) ao serem expressas por um verbo modal. Os verbos modais são, preferencialmente, usados no presente, pois esses por si só já denotam futuridade prescindindo, assim, da forma sintética (*-rei*). Conforme já mencionado, se o futuro se insere no âmbito do *ir-realis* e os verbos modais também têm essa característica, a marca *-rei* é redundante na expressão de o evento vir-a-ser. Daí, a tendência de os falantes da língua, cada vez mais, expressarem eventos futuros usando a forma perifrástica (*ir + v*) ou verbos modais. Afinal, o tempo futuro, assim considerado pelas gramáticas tradicionais, começou com um verbo modal (cf. p. 1).

Os resultados da nossa pesquisa confirmam a hipótese de Gryner (1997). No português atual, convivem os três estágios do verbo *ir*: em alguns contextos, codifica movimento no tempo e no espaço (verbo pleno); em outros, é um auxiliar modal indicando uma atitude intencional – modalidade epistêmica -; e, finalmente, funciona, em várias ocorrências, como um auxiliar temporal para expressar eventos a serem ocorridos no futuro. Isto caracteriza o processo de gramaticalização pelo qual atravessa a perífrase *IR+V* ao deixar de ser um verbo modal para expressar futuridade (cf. gráfico). Este último estágio acarretou o desaparecimento gradual da forma *-rei* e tende a fixar-se na modalidade falada da língua portuguesa, mais especificamente a do Rio de Janeiro.

## BIBLIOGRAFIA

BYBEE, Joan, PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. *The Evolution of Grammar – Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

——— & FLEISCHMAN, Suzanne (ed.). *Modality in Grammar and discourse – Typological studies in language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Uma forma verbal portuguesa – estudo estilístico gramatical*. Tese apresentada no concurso para a cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, Rodrigues & Cia, 1956.

———. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *A variação entre as formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1997. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

DUBOIS, Jean et alii. *Dictionnaire de Lingüistique*. Paris: Larousse, 1973.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GRYNER, Helena. *De volta às origens do futuro: condicionais possíveis e a perífrase ir + infinitivo*. São Paulo: Grupo de Estudos Lingüísticos, 1997.

LYONS, John. *Linguistic Semantics: an introduction*. New York: Cambridge University Press, 1995.

PALMER, F. R. Mood and Modality. **In:** *Cambridge textbooks in Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares no português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.



SANTOS, Josete Rocha. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2000. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

———. O futuro verbal é um tempo ou um modo? **In:** *Cadernos do CNLF*, Ano VI, n° 8 – Gramaticalização e estudos de gramática. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2003.